

# PERDÃO E Justiça: Uma Crise de Valores

O islã valoriza a coragem e a busca da justiça, que seriam virtudes apreciadas por Deus. Já o cristianismo aprecia o perdão e o oferecimento “da outra face”. Seriam justiça e perdão valores inconciliáveis?



ARTHUR MEUCCI  
É MESTRE EM FILOSOFIA  
PELA USP E MEMBRO  
DA ASSOCIAÇÃO  
FILOSÓFICA SCIENTIAE  
STUDIA. PROFESSOR  
CONFERENCISTA DE  
ÉTICA DA ECA/USP,  
DE ÉTICA E NEGÓCIOS  
DA UNIP E DO  
COLÉGIO BOM JESUS.  
É CONSULTOR  
DO ESPAÇO ÉTICA.  
[www.meucci.com.br](http://www.meucci.com.br)

**M**inhas colunas geralmente trazem assuntos polêmicos e esta não é exceção. A diferença em relação às demais reside na reflexão teórica que proponho e não no assunto em si. Ofereço ao leitor uma reflexão moral sobre uma situação vivida que me exigiu uma ponderação sobre dois valores: o perdão e a justiça.

Recentemente, fiquei encarregado de fazer o *site* do consultório que montei com outros quatro colegas psicanalistas. Para tanto, decidi registrar o domínio e hospedá-lo em determinada plataforma por dois motivos: o preço e a familiaridade que obtive ao hospedar meu *site* pessoal. Por experiência, eu sabia que esta plataforma tinha alguns defeitos, porém, por se tratar de um *site* simples, acreditei que não teria maiores problemas.

As minhas expectativas de tranquilidade foram rapidamente frustradas pela capacidade criativa que o mundo tem em aborrecer. Na tentativa de instituir as configurações necessárias, tive alguns problemas. Abri um chamado e, depois de 12 horas sem resposta, liguei para o suporte técnico, que pediu para esperar mais 12 horas. Depois de 40 horas sem ter uma solução ou resposta,

decidi resolver o problema sozinho. Mas quando retornei a ligação para o suporte para cobrar uma posição, o atendente, consultando as informações, disse que seria difícil de resolver porque a minha tentativa de resolução do problema – meu subterfúgio para tentar cumprir algumas metas relativas à entrega do *site* – teria impossibilitado outras ações da empresa e a equipe técnica não estava conseguindo achar uma solução.

Fiquei profundamente irado com a desculpa do atendente, porém, decidi ser cortês ao telefone e agradecer pelas informações. Minha indignação aumentava e, paralelamente, uma voz da consciência me dizia: “Acalme-se, Arthur, perdoe a desculpa inescrupulosa do atendente. Você também comete erros”. As palavras cristãs ressoavam em minha consciência tentando me acalmar. Eu sabia que havia uma diferença importante entre os meus erros e o do atendente: eu assumo a culpa pelas minhas ações e ele não. Porém, perdão é perdão...

Quando voltei ao computador para pensar numa nova solução, uma voz interna gritou dentro de mim: “Não se deixe subjugar”. Fiquei muito inquieto, pois sabia de onde vinha aquela orientação ética e já imaginava, aflito, os conflitos internos que ela traria.





## ENQUANTO PARA O ISLÃ O PECADO PRECISA TER UMA PUNIÇÃO DO MESMO PESO E NATUREZA, NO CRISTIANISMO, A ORIENTAÇÃO É DESCONSIDERAR A INJUSTIÇA COMETIDA

O imperativo que ressoava entre o meu pré-consciente e o consciente vinha da leitura que fiz das últimas palavras de Mohamed ao seu povo antes de morrer.

Eu dou aula de Filosofia para uma comunidade de muçulmanos que residem nas proximidades do bairro do Pari, em São Paulo. Para me aproximar do universo cultural desses alunos, comecei a estudar tanto a religião islâmica quanto os filósofos árabes. Fazia pouco tempo que eu estava estudando a vida do profeta Mohamed e o conceito de *Jihad* – sendo que a tradução mais correta do termo é “luta”, no sentido de resistência, e não de “guerra santa”, tradução de um conceito que só existe no catolicismo. Ao contrário do que o senso comum pensa, a *mujahid* – luta e morte em nome da Religião – é proibida pela lei islâmica.

No final de sua vida, o profeta relê o Corão para os seus seguidores e cita um ordenamento corânico de não submissão aos agressores que marcará a história do pensamento ético do islã: “Não se deixe subjugar. (...) E combatei no caminho de Allah contra aqueles que vos combatem; porém, não provoqueis as hostilidades, porque Allah não ama os agressores” (Corão 2:189-190).

No começo de sua missão profética, Mohamed era reconhecido pelos seus patriotas e seguidores como um homem justo, pacífico e misericordioso. Mesmo quando o perseguiam, levando-o a se exilar em Medina – evento conhecido como Hégira e que marca o início do calendário islâmico – Mohamed pedia para seus seguidores conterem a ira e não revidarem as ofensas e agressões dos inimigos. Quando os líderes de Meca se atentaram para a passividade dos muçulmanos, eles resolveram matar e roubar seus seguidores assaltando a cidade de Medina para, assim, deter o avanço do islã na região. Hanza, um dos companheiros de Mohamed, clamou ao profeta para que houvesse retaliação, porém seu pedido foi negado. Diz as *Sunas* (livro que conta a vida do profeta) que enquanto o profeta fazia



*Mohamed, último profeta de Deus para os muçulmanos, liderou uma batalha considerada a guerra contra os opressores. Para o islã, esta é uma atitude para a busca da justiça*

as orações, o choro de seus seguidores se fazia ouvir. Nesse contexto, o anjo Gabriel apareceu para Mohamed com os trechos do Corão em que convocava os fiéis para lutar contra seus opressores. Como resposta aos atos perversos de seus inimigos, os muçulmanos travaram sua primeira guerra para obter o controle de um oásis que servia de rota para o comércio, os poços de Badr, cuja vitória lhes rendeu o controle e a possibilidade de voltar a comercializar com outros povos. Essa e outras batalhas impuseram o respeito aos seguidores do Corão. A coragem em enfrentar as dificuldades e a busca da justiça seriam virtudes apreciadas por Deus. “Certamente que vos poremos à prova mediante o temor, a fome, a perda dos bens, das vidas e dos frutos. Mas tu, Mohamed, anuncia a bem-aventurança aos corajosos. Aqueles que, quando os aflige uma desgraça, dizem: somos de Allah e a Ele retornaremos” (Corão: 2:155-6).

É evidente que o discurso islâmico se posiciona de forma contrária ao discurso cristão. Enquanto para o islã o pecado precisa ter uma punição do mesmo peso e natureza, no cristianismo, a orientação é desconsiderar a injustiça cometida. Cristo delega a Deus a função de fazer justiça e obriga o injustiçado a redimir aquele que cometeu uma injustiça contra ele, “... e perdoai [Deus] as nossas dívidas [pecados/injustiças], assim como perdoamos nossos devedores” (Mt 6:12).

Em uma situação de intenso ataque como a sofrida pelos muçulmanos em Medina, no início da Hégira, a orientação cristã seria a da passividade: “Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (Mt 5:39). Convém lembrar que o Evangelho é uma mensagem de amor incondicional de Deus pelos homens e não um estatuto legal estabelecendo novas regras para os judeus e gentios.

As orientações éticas que Cristo e Mohamed nos trazem servem para ilustrar duas culturas diferentes, baseadas em dois valores diferentes. E, neste ponto, eu gostaria de expor uma hipótese que desenvolvi ao refletir sobre esse tema: apesar de parecerem conceitos harmônicos entre si, perdão e justiça são valores éticos inconciliáveis. Apesar dos textos religiosos aparentemente tratarem tais conceitos como igualmente importantes, fazer justiça e perdoar trazem problemas teóricos e práticos que impossibilitam utilização dos dois valores simultaneamente ao tomar uma decisão.

Para corroborar minha linha de raciocínio, chamo em minha defesa o renomado filósofo judeu Isaiah Berlin e sua tese revolucionária sobre a incompatibilidade entre os valores de liberdade e igualdade. Em seus *Ensaio sobre a*



O retorno do filho pródigo, de Rembrandt. A orientação cristã é de perdão e de passividade diante de conflitos

*Humanidade*, ele nos mostra que para obter um estado de igualdade de condições e de oportunidade entre pessoas de um mesmo grupo ou sociedade, é preciso sacrificar a liberdade de se fazer o que deseja. Em grupos e sociedades liberais, como a sociedade de mercado, por exemplo, a liberdade de agir é o motor do progresso, e a desigualdade social é um efeito colateral. O lema da revolução francesa, “liberdade e igualdade”, sem dúvida é belo, porém impraticável.

Minha hipótese sobre os conceitos de justiça e perdão, quando analisados sob a perspectiva da ação, se mostra tão inconciliável quanto liberdade e igualdade. A justiça, do latim *iustitia*, diz respeito à preservação e à observação dos direitos em casos de litígio e se caracteriza por fazer valer a aplicação da lei, e o perdão, do latim *perdōno*, tem o sentido de eximir a culpa de um infrator pela transgressão do direito ou dos costumes. A contradição conceitual dos dois valores é notável, pois enquanto a função do primeiro conceito é punir aquele que nos faz mal para que ele nos restitua e não faça mais este tipo de ação, o segundo conceito pede para que não façamos valer nossos direitos e para que perdoemos sistematicamente toda ação praticada contra nós. A morte de Jesus e do apóstolo Pedro na cruz, sem que ambos reagissem contra seus inimigos, nos mostra o extremo da passividade e da tolerância cristã em relação à injustiça.

Provavelmente, o conflito entre justiça e perdão seja o causador do grande mal-estar nas sociedades de orientação cristã. O bom religioso, obediente às leis bíblicas e civis, vive em sociedade sendo explorado pelo seu patrão capitalista, pelo banco que lhe faz cobranças exorbitantes de taxa e juros sem lhe oferecer reais benefícios, pelos políticos que tomam o dinheiro de seus impostos e não lhe oferecem um sistema de saúde, educação, segurança e transporte decente conforme prometido pela Constituição, entre outras injustiças e impunidades que vivemos diariamente e para as quais não tomamos atitudes em nome do perdão. Nossa ira inconsciente gerada pelo desejo voraz de justiça esbarra em uma orientação moral, da qual muitas vezes não temos consciência, que nos impede de tomar uma atitude.

O impasse que vivi em relação aos atendentes e técnicos da empresa que hospeda o meu site ilustra bem a angústia perante a abertura do chamado sobre o meu problema. Nesse caso, eu fiz valer, inicialmente, o princípio do perdão e refiz o banco de dados e a instalação manualmente. Porém, quando a equipe técnica resolveu apagar todo o site que eu tinha reinstalado para me dizer que tinha trabalhado no caso, resolvi tomar partido de Mohamed e acioná-los juridicamente.

fillo